



The Nu Project e Apartamento 302: a percepção do corpo nu na fotografia artística contemporânea e sua representação no ciberespaço¹

Manuela ANDRADE²

Luana INOCENCIO³

Thiago SOARES⁴

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar dois projetos de fotografia de corpos nus, destinados inicialmente à divulgação online e calcados no cunho colaborativo. São eles: *The Nu Project*, do americano Matt Blum e *Apartamento 302*, do fotógrafo brasileiro Jorge Bispo. O trabalho traz uma reflexão acerca da representação do corpo na arte contemporânea e tem como desdobramentos a reflexão epistemológica sobre o binarismo erotismo x pornografia e o conceito de obra aberta de Umberto Eco. Ainda se tece um comentário acerca do meio de distribuição online utilizado pelas artistas, a recepção deste conteúdo e o seu caráter colaborativo.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; corpo nu; arte contemporânea; colaboratividade; ciberespaço.

A nudez e a sexualidade desde a sociedade moderna sempre estiveram envoltas em pudores e tabus. A aura de mistério e o tom proibitivo e censurável da nudez e do sexo, associados a uma espécie de lógica monogâmica normativa associadas à instituição do núcleo familiar tradicional funcionam como uma forma de manutenção de uma ordem social. Fazem parte, também, de um jogo de poder exercido em um primeiro momento pela Igreja, e em segundo pelo próprio capitalismo, como enfatizaram Freud (1987) e Foucault (1996).

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – GP Fotografia do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Email: manuelaa.andrade@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: luanahinocencio@hotmail.com

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas da UFPB. Doutor em Comunicação e Culturas Contemporâneas pela UFBA. E-mail: thikos@uol.com.br



Tais posicionamentos, apesar de soarem radicais, diante de novas configurações de famílias modernas e de conquistas humanas quanto à libertação sexual do corpo, ainda parecem permear uma lógica do sensível na contemporaneidade. Além deste ranço explícito de repressão sexual, mesmo o eixo que vamos intitular aqui como mais libertário, é acometido de um excesso de pudor. Sexo e nudez são categorias ainda calcadas em normatividades e retificações – como atesta Kevin Floyd (2009) – inclusive agendados através de filmes, livros, programas de TV e sites. As operações binárias pornografia x erotismo, sensualidade x sexualidade seguem como ditames típicos da modernidade nas formas de fruir dispositivos ligados a uma cultura do corpo. É no intuito de pensar a produção de sentido desta cultura do corpo que este artigo se propõe a pensar o corpo nu em dois projetos de fotografia: *The Nu Project*, do americano Matt Blum, e *Apartamento 302*, do brasileiro Jorge Bispo. Antes, no entanto, revisar os alicerces da formação da nossa relação com o corpo desnudo através da arte se faz necessário.

Histórias de nudez e de pudores

O corpo nu e sua representação na História da Arte são um invólucro da alma humana - sem que haja necessariamente uma conotação sexual. Para Matesco (2009), a representação de um corpo nu, nas estátuas gregas das imagens dos mitos, simbolizaria uma busca pela imagem sensível do ideal. Por se tratarem de seres abstratos ao qual eram atribuídos poderes mágicos, a imagem destes corpos nus representava um ideal mais elevado.

Enquanto símbolo máximo da representação de poder da época, as mitologias, e conseqüentemente, a imagem que saltavam delas não representava corpos reais, seriam um ideal de homem. “O nu encarna valores espirituais das divindades, como a medida, o equilíbrio, a modéstia e a proporção” (MATESCO, 2009, p. 15).

É no Renascimento que as imagens de nus estariam à serviço de uma conotação de um cunho científico. Trata-se de uma época em que, por alguns momentos, se fundiam às pesquisas anatômicas quanto à constituição corporal, à física e à arte enquanto representação mimética. A partir do Renascimento, o apego à ideia de razão científica derruba a crença aos mitos. O sujeito passa a observar sua própria subjetividade e toma as rédeas desta existência sem crer em uma “natureza mágica” ou um poder “sobre-humano” que guiaria o mundo.



É a subjetividade que marca o fim do nu como algo impessoal e fora do tempo. O nu acaba quando começa a destroçar toda uma visão de mundo que supunha a essência universal do homem. O homem não é evidente; é o que a arte testemunha a partir de nus que projetam não mais a atemporalidade, mas uma dimensão inédita de singularidade. É a própria essência do nu que se perde e resta a imanência de um corpo - seu ser sem respostas, totalmente exposto, sem proteção (MATESCO, 2009, p. 33).

Foi a partir desta retranscrição filosófica sobre o corpo humano, enquanto ser frágil e a consequente atomização das sociedades modernas, que o nu foi perdendo seu lugar “mítico” e assumindo uma característica, digamos, mais “terrena” no âmbito da arte. A individualização exacerbada e as regras de conduta pequeno-burguesas passam a tratar a própria nudez como tabu.

Dilemas pornográficos ou o nu contemporâneo

A perspectiva de pensar o corpo “terreno”, tátil e material pode nos levar a uma encruzilhada: o corpo como matéria de uso, de toque e de sexualização. Esta percepção nos conduz a trazer à tona a ideia do corpo nu como imagem sexualizada. Dois aspectos do uso deste corpo emergem: a sensualidade e a pornografia. A princípio, a pornografia pouca os olhos sobre o corpo como um objeto de um ser animalesco. Neste ponto deve se entender a pornografia como antônimo de erotismo.

Costuma-se asseverar que o vocábulo “erótico” não deve ser confundido com “pornográfico”. “Erótico” é adjetivo que vem de erotismo, portanto 1. Relativo ao amor 2. Inspirado pelo amor, que tem o caráter de lirismo amoroso (...). Enquanto pornográfico, vem de *pórne* = prostituta + *grapho* = descrever, é 1. Relativo à pornografia, figura(s), fotografia(s), filme(s), espetáculo(s), obra literária ou de arte, etc., relativos à ou que tratam de coisas ou assuntos obscenos ou licenciosos, capazes de motivar ou explorar o lado sexual do indivíduo (FRANCONI, 1997, p. 21).

Aqui se faz a distinção não como uma simples ressalva, mas evidenciando o caráter limítrofe em que a sociedade passou a vivenciar a própria sexualidade. Acreditamos que se deve ir além desta descrição que associar o erotismo diretamente ao amor romântico e a pornografia ao simples registro “frio da pulsão de prazer” como essência humana. Nossa ideia é reconhecer que a pornografia traz, em si, um dilema epistemológico: como tratá-la teórica e metodologicamente diante de tamanhas questões morais que a cercam?



Vê-se uma fragilidade nesta divisão, visto que o olhar poético em torno de uma cena com conotações que venham a provocar incitações libidinosas não precisa estar diretamente associado ao amor romântico pequeno burguês. Seria como dizer que uma prostituta não teria o poder de se apaixonar por um cliente. Ou que não haveria romance num ambiente de “pegação” como cinemas pornô e afins. Pretende-se atentar noções binárias para avançar na noção de que o jogo erotismo versus pornografia é deveras complexo e deve ser analisado empiricamente. Esta noção de que a simples classificação de um conteúdo como erótico tiraria o seu teor de lascividade da pornografia também soa deformador.

A partir destas dicotomias, a análise que propomos neste texto pretende se debruçar nos objetos de maneira mais aberta quanto a este tipo de classificação, visto que o interesse maior é a investigação das suas possíveis reflexões existenciais e não a uma subdivisão entre alta e baixa cultura – tão limitadoras em quesitos epistemológicos.

Dentro deste contexto social e artístico contemporâneo surgem dois trabalhos de fotografia do nu que se baseiam em processos colaborativos; nos quais os interessados posam para os fotógrafos de forma voluntária e o público tem livre acesso ao conteúdo na web. Aqui, a apreensão imagética do corpo nu não está voltada para um fim conceitual específico e quebra-se a ideia de vulgaridade em cima do corpo nu, o corpo aqui é visto como a obra de arte em si e não são fotografados personagens como em um ensaio para uma revista como a *Playboy*, na qual muitas vezes as mulheres se fantasiam para atender a algum fetiche clichê (de policial, de enfermeira). Nos dois projetos, a persona das fotos é a própria pessoa que se voluntariou para ser fotografada - com suas roupas ou adereços, sua maquiagem ou a ausência dela.

Não pode se negar, no entanto, que já existem alguns projetos em revistas no qual o nu é mais naturalizado e busca-se uma humanização da personagem fotografada, como os ensaios da Revista *Trip*, seja através do cunho da entrevista, que levanta questões que vão muito além de sexo, seja através da captura do corpo das mulheres nas fotografias. Nos ensaios da *Trip* não existem modelos fazendo caras e bocas, tampouco a publicação foca em registrar as meninas em posições acrobáticas (vide alguns malabarismos tão comuns em outras revistas, alguns deles apenas realizáveis por uma contorcionista).

Os dois objetos analisados nesse trabalho, *The Nu Project* e Apartamento 302, também têm outro ponto em comum: eles não usam do *software* de alteração estética *Adobe Photoshop* para corrigir possíveis falhas no corpo das pessoas fotografadas,



como estrias ou celulites. O programa é utilizado sim, mas para ajustar a cor das fotografias e enaltecer alguns detalhes do cenário e iluminação, mas nunca em busca manipular o corpo. Ou seja, o paradigma do culto ao corpo perfeito tão comum a nossa sociedade também é rompido aqui.

Ao invés dos corpos teatralizados, citados por Santaella (2004), teríamos aqui corpos pulsionais: “em lugar do corpo pulsional, assombrado pelo desejo, pululam, por todos os lados, esses corpos semi-rígidos, estruturalizados, teatralizados na falsa nudez, funcionalizados pela sedução programática e pela sexualidade operacionalizada” (BAUDRILLARD, 1996, p. 162).

A distribuição no ciberespaço e seu caráter colaborativo

Com a revolução tecnológica, a possibilidade de atuação de várias pessoas distribuídas ao redor do mundo através da rede tornou-se possível. Indivíduos em busca dos mesmos interesses podem interagir, resultando em manifestações sociais expressas através dessa conexão.

Assim, ao escolher trabalhar a distribuição e divulgação de *The Nu Project* e Apartamento 302 no ciberespaço, ambiente tecido pelas inovações da informática e telecomunicação (LÉVY, 1999), é interessante observar que a estruturação do material fotográfico contando com o suporte da internet, ganha na perspectiva de estar presente na rede, de ter múltiplas linguagens, sendo esse um elemento chave para garantir o interesse e a contínua colaboratividade do público, no caso apenas do *The Nu Project*, tendo em vista que o projeto do Apartamento 302 terminou.

Os idealizadores de cada projeto determinaram ainda modos particulares de captar a recepção (ou não) dos sujeitos acerca das fotografias: *The Nu Project* disponibiliza espaço para comentários dos usuários, enquanto que Apartamento 302 permite tal interação apenas nas redes sociais. Essa possibilidade de apreensão de um modo de compreender a opinião particular de alguns indivíduos que acessavam as obras, esclarece alguns pontos de classificação dos projetos.

No atual cenário da cibercultura, a cultura nascida e alimentada no ambiente virtual e suas tecnologias, cuja principal característica é a produção de conteúdo da massa para a massa (LEMOS, 2005), é possibilitada a pluralidade de vozes antes reprimidas. O autor fala sobre as leis da cibercultura, que se encaixam aqui como fatores esclarecedores para compreensão do processo de recepção e *feedback* nos projetos.

A primeira lei é a da reconfiguração, posto que o ciberespaço propõe uma forma de comunicação pluralizada e distribuição dinâmica de espaços adversa a anterior, que concede aos seus participantes, como em ambos os projetos, a oportunidade de contribuir na construção de produtos culturais e repassá-los a outros usuários, podendo ser mutuamente emissor e receptor. O ciberespaço é um universo potencializador e verdadeiro fenômeno contemporâneo de produção, exibição e distribuição de conteúdos audiovisuais. Conforme afirma Jenkins (2009), possibilitadas pelo ciberespaço e suas tecnologias, as novas mídias estão estabelecendo um ciclo cultural próprio caracterizado pela participação coletiva e interatividade.

A segunda lei seria a liberação do pólo da emissão, onde o excesso de informação na internet advém da emergência de discursos nunca antes permitidos pelas mídias massivas. Essa abertura para a colaboratividade na rede é uma característica da cultura da convergência, protagonizando tanto como um sintoma quanto como um agente das transações culturais que articulam as tecnologias digitais, a internet e uma nova forma de participação do público.

A terceira é a lei da conectividade generalizada, onde é possível tecer vínculos de formas antes inimagináveis na rede. Não fosse dessa forma, os sujeitos fotografados não teriam tal facilidade de contatar os fotógrafos e, assim, de contribuir nas obras.



Figura 1: Comentário de uma espectadora do projeto *The Nu Project*.⁵
Fonte: <<http://thenuproject.com/>>

Assim, através dos comentários tecidos na página de *The Nu Project*, é possível uma leitura mais clara sobre a *feedback* dos espectadores dos trabalhos. Alguns comentários, como esse acima, traduzem a identificação de alguns sujeitos com o

⁵ Tradução: *Oi, uma amiga minha me chamou a atenção para o trabalho de vocês e eu acho que é um projeto maravilhoso do qual eu gostaria de participar. Eu moro na Bélgica e tenho várias cicatrizes por conta de uma cirurgia de redução de estômago que não deu certo (perto de todas as estrias). Eu tive uma parada cardíaca e fiquei em coma por 6 semanas. 2012 não foi o fim do mundo, mas foi quase o final da minha existência. Depois que isso passou me sinto muito melhor, fisicamente e mentalmente, antes disso acontecer eu era tão infeliz. E agora eu estou simplesmente feliz por ter sobrevivido. Eu amo a minha vida, eu amo o meu corpo (apesar de ser assustador porque tem muita pele devido a minha perda de peso) e eu quero mostrar às pessoas que é possível ser feliz com as condições que a vida oferece para você.*



projeto e sua desmistificação com relação ao preconceito que marca uma parte da sociedade.



Figura 2: Comentário de outra espectadora do projeto *The Nu Project*.⁶
Fonte: <<http://thenuproject.com/>>

Com essa generalização dos modos de conexão do indivíduo, a capacidade de repercussão e interesse dentro da rede é muito maior, suscitando abordagens posteriores. A segunda conclusão mais ampla é que esta clara a dimensão de circularidade e alcance ampliado das imagens. Assim, a internet fornece a oportunidade de postar e observar produtos culturais a partir de uma múltipla perspectiva além daquelas oferecidas pela mídia massiva.

Lançando luz à ótica da cultura participativa, *The Nu Project* e Apartamento 302 são um tipo de fenômeno do *crowdfunding*⁷, classificado por Shirky (2011) como *event crowd*, onde uma multidão organizada coletivamente ou individualmente que, por meio de comunicação on line, junta-se para um evento ou ação particular que pode ser realizado em um certo local, ou pela rede, e pode apresentar propósitos variados.

Fazer parte de um tipo de multidão é agregar valor a si próprio e obter maior capital social nas redes das quais participa, é desfrutar de seu tempo livre em busca de novas relações de colaborações e participações na Web por motivações intrínsecas.

Motivações intrínsecas são aquelas nas quais a própria atividade é a recompensa. Motivações extrínsecas são aquelas nas quais a recompensa por fazer algo é externa à atividade, e não a atividade em si. O pagamento é o caso clássico de motivação extrínseca, razão pela qual os participantes foram pagos para reunir as formas (SHIRKY, 2011, p.68).

Apartamento 302 e *The Nu Project* são processos indiretamente colaborativos de produção artística em sua forma de realização, posto que o fotógrafo figurava como um mediador entre o instante captado como obra do cotidiano pelo diafragma e o meio em

⁶ Tradução: *Eu precisava dizer isso: Obrigada! Eu nunca tinha vista seios como os meus em nenhum outro lugar antes. Isso soa estranho mas é muito bom saber que tem alguém, pelo menos uma mulher, com os seios parecidos com os meus. É saber que uma mulher linda corajosa o suficiente em deixar o mundo ver.*

⁷ Fenômeno com propósito de financiamento econômico independente para determinado projeto captado por um profissional, através da doação de várias pessoas, mas livre das amarras do mercado.



que foi difundido, o ciberespaço. Ao participar de um site de *crowdfunding*, por exemplo, agrega-se valor e, conseqüentemente, capital social, por ter participado da colaboração coletiva e por ter sido responsável, entre outros usuários, pela escolha e concretização de um determinado projeto do site.

Chama-se atenção para o fato de que, inicialmente, não se sabe se os fotógrafos dos projetos já tinham a intenção de comercializar as suas obras, mas após tal sucesso, ambos os projetos serão adaptados para a produção do livro. No entanto, nenhum recurso será repassado para aqueles que foram fotografados.

Apartamento 302 e *The Nu Project* enquanto obras abertas

Supondo uma verdadeira revolução do tempo de recepção do espectador, ao produzir tais projetos no ciberespaço, destaca-se a estruturação inédita dessa visão de espectador, que complementa a compreensão do sentido da obra e que tem efeitos diretos sobre uma nova concepção do valor de cada imagem.

Ao introduzir no universo da fruição estética o desfrute de objetos produzidos em série através da reprodutibilidade técnica, Benjamin (1996) fala do poder de um dispositivo para uma nova forma de apreensão cognitiva e sensorial no qual as noções de distração e de proximidade passam a ser importantes.

Flusser (2002, p. 17) também reflete sobre a intenção do fotógrafo na captação da imagem e essa resignificação pessoal que ocorre no processo de recepção: “os caminhos tortuosos do fotógrafo visam driblar as intenções escondidas nos objetos. Ao fotografar, avança contra as intenções da sua cultura. (...) Decifrar fotografias implicaria, entre outras coisas, o deciframento das condições culturais dribladas”. Percebemos então que o fotógrafo e sua câmera são o canal que liga a imagem ao seu significado, configurando-os em representações visuais.

Comprendemos a fotografia como um dispositivo articulado de captação do olhar, que demarca modos de ação, bem como alguns signos que fazem emergir um discurso em torno da ação presente. Embora tais projetos estejam livres das amarras impostas pela mídia massiva, para interpretação de tais obras, surgem inúmeros processos de subjetivação se devem à constante influência e controle midiático que os indivíduos contemporâneos sofrem por diferentes dispositivos ao longo da vida e que se refletem na sua concepção pessoal, conforme trata Agamben (2007).



Ao se analisar uma obra esteticamente, um dos principais pontos a serem levados em consideração é a intenção do autor e conseqüentemente a maneira como determinada obra reflete sua visão do mundo. E tanto no The Nu Project como no Apartamento 302 existe a ausência de uma descrição por parte dos artistas de um determinado tema ou foco a ser trabalhado.

Não se quer subentender aqui que a partir do momento que se lê, por exemplo, determinada sinopse sobre um filme, minha visão estaria aprisionada a tal pré-imagem, muito pelo contrário, o processo de recepção é essencial e parte crucial à fruição de uma obra, independente do aprofundamento do argumento do artista. Toda obra, é essencialmente aberta.

Porém, ao negar ao público uma primeira impressão do autor sobre sua obra, se o processo de fruição já é aberto por natureza, nestes casos, a liberdade de livre interpretação é ainda mais intensa.

A poética da obra "aberta" tende, como diz Poussier, a promover no intérprete "atos de liberdade consciente", pô-lo como centro ativo de uma rede de relações inesgotáveis, entre as quais ele instaura sua própria forma, sem ser determinado por uma necessidade que lhe prescreva os modos definidos de organização da obra fruída (ECO, 1991, p. 41).

Após esta primeira análise mais geral dos objetos, passamos agora para uma reflexão mais específica, dos pormenores de cada um dos projetos, por se tratar de duas obras com escopos e estruturas diferenciadas.

Apartamento 302

Em Apartamento 302⁸, as fotografias são sempre de mulheres jovens que vão até a casa do fotógrafo. Apesar de não haver uma pré-seleção com fotos ou uma faixa etária pré-estabelecida - pois para ser convocada para um ensaio bastava mandar um e-mail para a caixa eletrônica do projeto - este nicho etário específico foi se formando naturalmente. Todas as mulheres fotografadas por Jorge Bispo também têm em comum o fato de posarem no mesmo cenário, iluminadas com luz natural e se deslocarem até o apartamento do artista, revelando um caráter intimista de entrega das participantes do projeto.

⁸ Teaser do livro do projeto Apartamento 302: < <http://vimeo.com/61111420>>. Acesso em 25 de abr. de 2013.



Também fica clara a constituição de um padrão visual para a obra. Todas as fotografias são em preto e branco em um ambiente x; no caso, a parede branca da sala do apartamento do fotógrafo. No entanto, apesar de se submeterem à mesma atmosfera, em cada fotografia identificamos um sentimento diferente nestas mulheres. Cada olhar, expressão corporal e posicionamento diante da câmera nos diz algo particular sobre elas. E pelo fato de não haver nenhuma legenda, apenas o nome da menina fotografada, essa interpretação é assustadoramente livre.

A natureza que fala à câmera não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente. (BENJAMIN, 1996, p. 94)

Em Apartamento 302 o corpo é encarado como uma obra de arte e a personalidade de cada não-modelo é preservada como um pequeno tesouro, ao mesmo tempo em que eles se direcionam ao apartamento do fotógrafo como a uma espécie de confessorário. É nesse contexto que entramos em um ponto de tensionamento do conceito de erotismo. Entende-se por erotismo uma alusão ao sexo que preserve certo mistério, que não revele o corpo por completo.

O que dizer deste projeto? Seria razoável aplicar o conceito de pornografia a este obra pelo simples fato das mulheres aparecerem desnudas por completo? Ainda deve-se ir mais além. O corpo nu nestas fotografias dentro de um processo de recepção estaria diretamente associado ao sexo? Ao desejo sexual? Ao se ponderar sob o tema mais uma vez a livre interpretação fala mais alto e os rótulos parecem cair por terra. Como frisa Matesco (2009), um corpo nu pode ser apenas um corpo nu.

O que o nu revela é que não há nada a revelar, ou melhor, que ele é somente a própria revelação, o revelador e o revelado ao mesmo tempo, é o gesto que desnuda. O divino nu (das estátuas gregas), o pecado nu (da inquietude cristã em relação à carne) e a pele nua - esses três aspectos do nu ocupam de muitas maneiras o pensamento atual (MATESCO, 2009, p. 12).

Vivemos uma era em que a atuação em massa na rede para problematização de preconceitos e tabus é cada vez mais presente e a nudez também tem funcionado como uma forma de protesto, não só dentro dos movimentos feministas (como o exemplo do projeto do Sexo Ágil, de Karina Buhr, que no dia 08 de março de 2012 posaram em prol dos direitos das mulheres), mas é cada vez mais presente em outros grupos como os de cicloativistas, por exemplo. Os cicloativistas realizam pedaladas nus no mundo em



busca de maior proteção e segurança para os ciclistas, e a nudez seria uma forma de mostrar a sensibilidade do corpo do ciclista para com os outros veículos circundantes.

Não vamos indicar aqui o trabalho de Jorge Bispo como uma forma de protesto. Mas há de se constatar que a leitura do corpo nu na contemporaneidade perpassa por outros campos que vão além da sexualização. Pelo ato de optar em fotografar não-modelos e não usar o *Photoshop*, as fotografias também podem carregar esse cunho de libertação e protesto quanto a uma ditadura da beleza, uma vez que Bispo fotografa mulheres dos mais diferentes tipos físicos. Mas enxergar o projeto desta maneira seria esgotar as possibilidades de interpretação do público e estancar o discurso a uma visão ortodoxa.

O intuito neste trabalho é defender um processo de fruição da arte como livre de politizações do discurso e entregue ao deleite da fruição estética pelo simples prazer na recepção da obra (MAFFESOLI, 1999). Assim, as fotografias de Bispo são admiradas enquanto retratos singelos e honestos de mulheres reais. Com suas dores, melancolias e prazeres, e porque não pudores? O fato de algumas estarem completamente desnudas não significa que o olhar esteja apontando para uma timidez ou vergonha. Já a sexualização das obras vai estar relacionada aos olhos de quem vê.

O erotismo, eu o disse, é aos meus olhos o desequilíbrio em que o próprio ser se põe conscientemente em questão. Em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas nesse momento o indivíduo identifica-se com o objeto que se perde. Se for preciso, posso dizer que, no erotismo, EU me perco. Não é, sem dúvida, uma situação privilegiada. Mas a perda voluntária implicada no erotismo é flagrante (BATAILLE, 1987, p. 21).

The Nu Project

O *The Nu Project* é um projeto itinerante de fotografias de nus que se iniciou em 2005, já passou por países da América do Norte e América do Sul e possui um caráter que pode se configurar mais como antropológico, visto que o fotógrafo vai até a casa das pessoas que serão fotografadas. Ou seja, a imersão é realizada pelo próprio autor no universo dos personagens e não o oposto, como acontece no Apartamento 302. Outra característica do *The Nu Project* é que ao contrário do Apt 302, Matt Blum captura imagens de mulheres de diversas idades, além de gestantes, casais heterossexuais e mulheres com bebês.

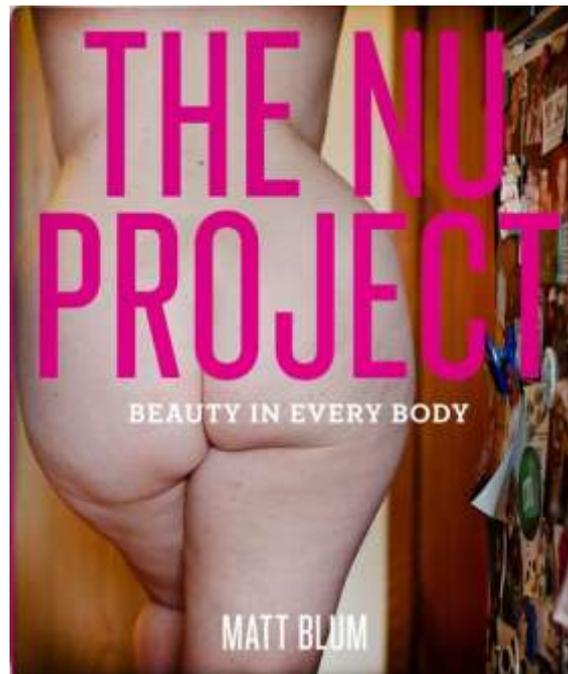


Figura 2: Imagem de divulgação do livro *The Nu Project*.
Fonte: <<http://thenuproject.com/>>

No *The Nu Project* não existe um processo de seleção assim como no Apartamento 302, e ele não vê nenhuma fotografia da casa nem da pessoa antes de chegar no lugar. As únicas duas exigências de Matt é que as pessoas fotografadas devem ser maiores de 21 anos e que nas fotos o seu rosto seja revelado. Já as cidades escolhidas para a visita de Matt são as que possuem o maior número de inscrições.

E além das mulheres possuírem as mais difusas variações corporais, algumas delas possuem cicatrizes, queimaduras, manchas senis, corpos flácidos e castigados pelo tempo. Desta maneira, a obra de Matt além deste caráter antropológico assume quase que uma função social. O slogan do projeto, *You're Beautiful*, serve como motivação em um processo de aceitação destas mulheres com corpos julgados pelos padrões modernos da moda como imperfeitos, como classifica Santaella (2004, p. 124):

É essa dominância do exterior sobre o interior que nos leva a compreender o poder que a glorificação e exibição do corpo humano passaram a assumir no mundo contemporâneo; poder que é efetivado por meio das mais diversas formas de estimulação e exaltação do corpo, como se essa exaltação pudesse trazer como recompensa um renascimento identitário ou a restauração de *eus* danificados e identidades deterioradas (CRILLANNOVICK 2003, p. 331).

Tendo em vista que, conforme esclarece Castro (2003, p. 66), “a preocupação com a beleza foi ganhando força no decorrer do século XX. Na contemporaneidade,



presenciamos a tendência à supervalorização da aparência e que leva os indivíduos a uma busca frenética pela forma e volume corporais ideais”. Como analisar a fruição no aspecto deste projeto onde o conjunto da obra não é tão agradável aos olhos como o Apartamento 302?

Existe outro tipo de intenção que acaba direcionando a recepção de uma forma mais focada. O projeto que atualmente é apenas virtual, vai se transformar em livro e será lançado em outubro do presente ano. E o direcionamento da visão do espectador vem desde a capa do livro. Apesar de não entregar uma descrição sobre a obra, o artista coloca na capa as nádegas de uma mulher obesa de costas.

Logo de cara, o público é convidado a entrar intimamente na vida de um completo desconhecido, da mesma maneira como o fotógrafo adentra na casa das pessoas. Mas que fique claro que quando se fala do tom desafiador do livro, não se refere às características físicas da mulher fotografada para a capa, pois estaria reproduzindo preceitos de uma ditadura da beleza onde existiria um padrão de mulher perfeita a ser seguido.

O *The Nu Project* entra em outro nível de intimidade por tentar transpor um pouco do cotidiano na vida destas pessoas, e nada mais revelador do que a sua relação com a casa para desnudar ainda mais essas pessoas.

Ao apontar o tom inquietante da obra deve-se falar das imagens de queimaduras, pois não são fáceis aos olhos, mas o mais forte é perceber que aqueles fotos não estão em um tom de registro de um drama, mas muito mais de um retrato de aceitação destes corpos. Ao contemplar essas fotos fica evidente como nosso olhar tende a rejeitar e ter uma espécie de resistência a tudo que se diferencia do que concebemos como padrão corporal.

The Nu Project nos leva para uma atmosfera diferente do Apartamento 302, pois adentra em outros universos. Enquanto que em Apartamento 302, temos mais a fruição do prazer pelo prazer em *The Nu Project* fica impossível não levantar as reflexões questão existenciais como a perenidade e fragilidade do corpo, de como a força transpassa esse casco e o corpo serve apenas de armadura para muitas destas pessoas.

Uma das fotografias mais marcantes é a do casal onde a jovem tem os seios reconstituídos. Ela é retratada ao lado do marido. A atitude daquele marido de posar com ela nas fotos, vai muito além de um rompimento com pudores, é uma prova de aceitação do seu corpo junto ao dela. Dentro de uma reflexão sobre o estatuto da arte e



da representação, depara-se com corpos que buscam um caminho, corpos que precisam se encontrar tais como os corpos nus Renascentistas ou Gregos e procuram respostas para sua condição ordinária da insustentável leveza, de Milan Kundera⁹.

Já a figura deste público, muito além de participar ativamente de um processo de recepção, primeiro ao buscar as fotos e segundo na própria construção no sentido de uma obra sem amarrações descritivas, compartilha do sentimento de hombridade e coragem destas pessoas.

Considerações Finais

Ao se realizar uma análise póstuma sobre determinado movimento artístico e estético com o distanciamento temporal razoável, é mais simples de se constituir uma linha de padrões e agrupamentos em blocos conceituais e identitários. No entanto, na contemporaneidade, a vastidão de manifestações e o nível de atomização dos artistas, reflexo da complexidade da sociedade, acabam isolando alguns exercícios estéticos de maneira quase individual. No entanto, acha-se interessante fazer um exercício de analogia com a reflexão pictórica de movimentos. Que dramas esses corpos nus viriam a representar? O que comunicam esses corpos pertencentes a essa sociedade hedonista, egocêntrica e solitária cada vez mais isolada em seus *gadgets* e dispositivos móveis?

Quando procurada pelos autores deste artigo, Iohannah Papou, umas das meninas fotografadas, teceu um comentário valioso sobre a experiência e pareceu se conectar com sensibilidades de outrora:

Hoje, fazem exatamente 3 meses que fui ao apto. Relembrar todas as sensações, desde a hora de marcar o horário, até ver o resultado e a repercussão é deliciosamente nostálgico mesmo recente. Posso talvez fazer uma pequena analogia, de saber como as moças que posavam para Modigliani, Picasso ou qualquer outro com tais estudos e dons, o faziam e até hoje perduram aí suas belezas. Por um momento eu entendi o que talvez se passava numa época distante, com outros interesses de conhecimento. É maravilhoso saber que de alguma forma você participa de algo sutil, grandioso!

Os corpos fotografados por Bispo são esses que falam, são Monalisas vivas abertas ao debate, prontas para enfrentarem a enxurrada de comentários em suas fotos postadas no *Facebook*, como foi o caso no Apartamento 302. Elas posam pelo desafio e garantem que a repercussão foi árida. O fato de não estarem expostas sacralizadas em um museu acabou trazendo polêmicas, que talvez um processo prévio de legitimação da

⁹ Milan Kundera é o autor tcheco da obra *A Insustentável Leveza do Ser* (1984), um romance que fala da fragilidade humana em um verdadeiro tratado metafísico sobre o ser no mundo.



obra em um formato de distribuição tradicional não agregaria. Mas isso serve para se pensar exatamente o lugar da arte contemporânea neste contexto no quais emissores e receptores estão fragmentados em redes sociais (inclusive as pessoas fotografadas) e como esse lugar no ciberespaço garante um movimento para tais corpos. Pois dentro desta esfera virtual seríamos os curadores dos próprios museus particulares tensionando em um processo contínuo os produtores destes conteúdos.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. “Elogio da Profanação.” In: **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **Mágia e Técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FLOYD, Kevin. **The Reification of Desire: Toward a Queer Marxism**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- FRANCONI, Rodolfo. **Erotismo e Poder na Ficção Brasileira Contemporânea**. São Paulo: Annablume, 1997.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- LEMOS, André. **Ciber-cultura-remix**. In: Sentidos e Processos. São Paulo, 2005.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MATESCO, Viviane. **Corpo, Imagem e Representação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e Comunicação**. São Paulo: Editora Paulus, 2004.
- SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.